



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# DIÁLOGOS METODOLÓGICOS: PROPOSTA DE TRIANGULAÇÃO DE TÉCNICAS QUALITATIVAS DE PESQUISA EM JORNALISMO

Cristiane Naiara Araújo de Souza<sup>1</sup>; [cris.souza.jor@gmail.com](mailto:cris.souza.jor@gmail.com)

## RESUMO

Todo jornalista é um pesquisador, ainda que seu exercício seja fundamentado no pragmatismo da pauta e limitado pelo prazo de um *deadline*. Este texto, escrito por uma jornalista-pesquisadora, tem o objetivo de apresentar a possibilidade da triangulação de três técnicas qualitativas na pesquisa sobre jornalismo e voltadas à coleta de dados: a) observação participante, b) entrevista em profundidade e c) codificação analítica. De caráter teórico, o artigo articula as contribuições destes autores: Santaella (2001), Haguette (1992), Goldenberg (2007), Lopes (2016), Flick (2004), Braga (2012), Delgado e Gutiérrez (1995), Angrosino (2009), Sierra (2019), Cáceres (1997), Alonso (1995), Polivanov (2013) e Martins (2008). Em suma, apresenta-se cada técnica como parte de um conjunto que se entende capaz de contribuir com a estratégia metodológica adequada para cercar o objeto e alcançar os objetivos propostos para a tese, tal como uma experimentação teórica surgida no bojo da disciplina 'Pesquisa Qualitativa em Comunicação'.

## PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Pesquisa Qualitativa. Técnicas de Pesquisa. Coleta de Dados.

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, temos a proposta de discutir, desde um conjunto de textos componentes do referencial da disciplina de Pesquisa Qualitativa em Comunicação, cursada no segundo ano do doutorado, uma seleção daqueles que, de modo específico, acreditamos mais relevantes para conduzir a proposta desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O curso deriva de uma parceria interinstitucional para formar doutores no Amazonas, esta especificamente voltada aos servidores docentes e técnicos da Ufam e iniciada no ano 2020. A título de recorte, e dadas as limitações de espaço deste artigo, iniciamos expondo o escopo pretendido: pensar uma triangulação de técnicas capazes de ser aplicadas com êxito para alcançar os objetos da investigação em andamento.

Nesse sentido, imprescindível considerar tais pressupostos: a) serão abordadas contribuições de técnicas conhecidas por intermédio da disciplina, muito embora não

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Servidora TAE da Ufam.

devam ser as únicas a serem usadas para construir o percurso metodológico da tese; b) estamos cientes de que a disciplina possuiu referencial de abordagem qualitativa, a ser aplicado aos elementos e nos momentos específicos da proposta de investigação; e c) temos a consciência de que os textos tratados ao longo da disciplina não se ocuparam da fase analítica da trajetória metodológica, tendo-se tratado de temas até a etapa da coleta de dados, de modo coerente com a ementa do curso.

Por outro lado, cabe expor que o projeto de tese tem o objetivo de compreender, desde uma perspectiva comunicacional – e mais detidamente jornalística, abordagem e desdobramentos acerca de dois fenômenos migratórios contemporâneos (haitianos e venezuelanos) que, de vários modos, foram capazes de alterar o cotidiano na capital do Amazonas, Manaus. A proposta é investigar, a partir de interstício temporal entre os anos 2012 e 2021, como os fenômenos foram tratados pelo jornalismo local e regional.

Ainda que o recorte seja mais voltado para a análise do conteúdo de notícias em portais e a análise da cobertura jornalística<sup>2</sup> sobre um *corpus* reduzido, as técnicas de pesquisa qualitativa têm papel determinante na compreensão de aspectos essenciais de nosso objeto, razão pela qual traçamos uma proposta de triangulação partindo dos aprendizados na disciplina. Após ter contato com um conjunto de técnicas, aquelas de matriz qualitativa que julgamos capazes de auxiliar na etapa de incursão metodológica são: observação participante, entrevista em profundidade e codificação analítica.

Tendo isso em conta, buscamos traçar um caminho tão sistemático e abrangente quanto possível, a fim de, efetivamente, aproveitar os ensinamentos das professoras Nilda Jacks e Lirian Sifuentes, os debates nas aulas síncronas (alternativa às medidas de distanciamento social ao longo de dois anos e meio após a declaração da pandemia de covid-19) e as leituras orientadas nas aulas assíncronas no desenvolvimento da fase qualitativa da estratégia metodológica. O ‘diálogo metodológico’ proposto contempla os autores: Santaella (2001), Haguette (1992), Goldenberg (2007), Lopes (2016), Flick (2004), Braga (2012), Delgado e Gutiérrez (1995), Angrosino (2009), Sierra (2019), Cáceres (1997), Alonso (1995), Polivanov (2013) e Martins (2008).

---

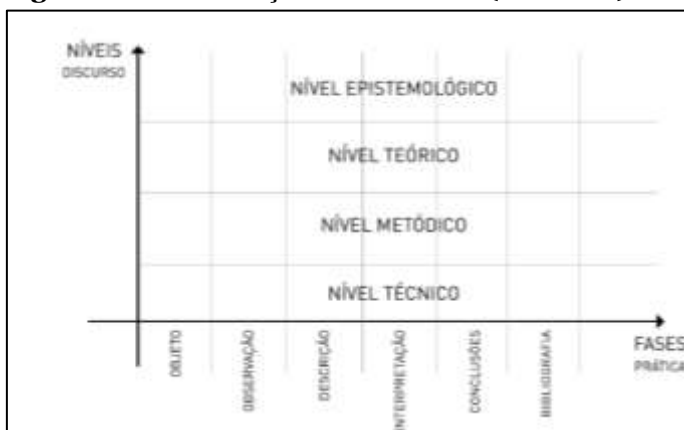
<sup>2</sup> A partir de adaptações baseadas principalmente nos trabalhos de Silva e Maia (2011), para quem muitos estudos se debruçam sobre textos jornalísticos impressos apenas como objeto empírico, a partir do que se nota uma aparente e ilusória pluralidade metodológica.

## 2. ANTES DO MÉTODO E DA TÉCNICA: A PESQUISA QUALITATIVA EM COMUNICAÇÃO (E JORNALISMO)

Pesquisar é, sobretudo, trabalhar com coerência e constância para articular criativamente os problemas do mundo e suas possíveis soluções, ainda que elas sejam temporárias e refutáveis – e principalmente por conta dessas duas características. De fato, Santaella (2001, p. 132) buscou sistematizar o processo em amplitude, conforme explica: “[...] a esfera **epistemológica**, relativa às teorias do conhecimento, a esfera **lógica**, da qual decorre, à luz de Peirce, um método geral, subjacente à diversidade das metodologias, e a esfera **metodológica**”. A autora prossegue explicando que a esfera metodológica possui três níveis: a) lógico (geral), b) variável (específico de campos científicos); e c) da prática metodológica (na pesquisa).

Ainda que o propósito não seja esmiuçar tais conceitos, importa salientar, diante deles, a complexidade que está implicada na “atividade de fazer pesquisa”, inclusive porque não se trata apenas de uma intervenção no mundo, e sim de um amplo e conexo conjunto de etapas a envolver discussões epistemológicas, lógicas, metodológicas e, nesse particular, os seus subníveis. Não se trata a metodologia, sabemos, de capítulo apartado e semi-independente no relatório, na monografia, na dissertação ou na tese. Antes, pelo contrário, ela é resultado da busca consciente que engloba a epistemologia, as teorias, os vieses formativos e performativos do pesquisador e as particularidades daquele objeto que é tomado como de seu interesse acadêmico.

**Figura 1: Inter-relação entre níveis (discurso) e fases (prática) da pesquisa**



Fonte: retirado de Lopes (2016, p. 103).

Em se tratando da comunicação, é indispensável mencionar as proposições de Lopes (2016, p. 99), cujo modelo “articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção, simultaneamente, topológica e cronológica de pesquisa”. Em síntese, a visão é a de um modelo metodológico operacionalizado em rede. Defende a autora a existência de um eixo vertical (paradigmático), contendo quatro níveis ou instâncias (epistemológica, teórica, metódica e técnica), e de um eixo horizontal (sintagmático), dividido em quatro fases (definição do objeto, observação, descrição e interpretação). Em uma analogia à matemática, tem-se que tanto os níveis quanto as fases existem e se desenvolvem uns em função dos outros, isto é, eles se articulam e se correlacionam ao longo (por ocasião) do desenvolvimento de dada investigação científica – num arranjo sempre inédito.

Do exposto, a ideia central consiste em mostrar o aprofundamento de trabalhos referenciais para a pesquisa, particularmente quanto à comunicação, esclarecendo que decisões metodológicas nunca são – e nem deveriam ser – menos fundamentadas que outras escolhas no trabalho acadêmico. Ao prosseguir no recorte proposto, avança-se na compreensão da abordagem qualitativa em relação à quantitativa, pontuando que as distinções são sim orientadas pelo objeto e seus caracteres. Haguette é enfática ao sustentar que não são incompatíveis, muito embora tratem de “realidades” distintas:

[...] metodologias qualitativas na sociologia são exemplos de reação contra o paradigma estrutural, quase sempre associado a modelos quantitativos de análise, com algumas exceções, tais como o modelo marxista que, embora estrutural, se apoia com veemência nos dados históricos, específicos e únicos na sua qualidade reconstitutiva do passado. (HAGUETTE, 1992, p. 19-20)

Sobre a contraposição entre as metodologias quali e quanti, coloca-se a segunda como meramente descritiva e estruturalista, porque acaba por ignorar as contribuições reflexivas – para além daquelas apenas interpretativas, essas inerentes à formação do pesquisador. Aos macroprocessos, pensamos, também pode ser cabível uma leitura minimamente crítica. Para tal autora, não há a incompatibilidade geralmente marcada entre as abordagens, sendo complementares e não contraditórias. Goldenberg (2007), por sua vez, traça distinções precisas entre tais abordagens. Vejamos:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 2007, p. 16-17)

Ao estabelecer diferenças evidentes entre o método das ciências naturais e o das ciências sociais, a autora recorre primeiro a Dilthey. Segundo ele, *erklären* (o método das ciências naturais) busca generalizações e regularidades. Por outro lado, o método das ciências sociais (*verstehen*) se debruça sobre a “compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciadas” (GOLDENBERG, 2007, p. 19). Todavia, alerta que Max Weber foi o grande expoente da sociologia compreensiva, e que, para esse sociólogo, o maior interesse da ciência social é “o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos”. (Idem). Aqui, ela dialoga com Haguette (1992) ao tratar dos aspectos formadores do interacionismo simbólico de G. H. Mead, em sua abordagem sobre o “eu generalizado”.

Além de citar o precursor George Herbert Mead, a autora destaca a contribuição do filósofo norte-americano John Dewey na tradição interacionista, especialmente no pragmatismo, “uma filosofia de intervenção social que postula que o pesquisador deve estar envolvido com a vida de sua cidade e se interessar por sua transformação social” (Goldenberg, 2007, p. 26). Por tudo isso, não se pode olvidar que os métodos abrigados nas abordagens quantitativas não seriam capazes de sozinhos dar conta de fenômenos complexos com os quais, por exemplo, a Escola de Chicago lidava. E ainda mais: já não se podia cogitar uma unificação da ciência sob o manto irretocável do positivismo e dos métodos estatísticos sobre os quais foram erigidas as bases do conhecimento.

De nossa parte, acreditamos ser enriquecedora para a pesquisa a possibilidade de que tais abordagens se complementem, inclusive por entendermos que, hoje, os objetos por nós eleitos – na qualidade de pesquisadores da comunicação/do jornalismo – têm sido cada vez mais permeados por características que demandam diversidade e criatividade ao aplicar métodos e técnicas para a sua melhor compreensão.

Especificamente quanto à abordagem qualitativa no âmbito de nossa pesquisa, forjamos proposta inicial de triangulação entre três técnicas: observação participante; entrevista em profundidade e codificação analítica, esta última comumente aplicada nos estudos que envolvem etnografia virtual (KOZINETTS, 2014) ou que agregam um grande volume de dados. Para tanto, dialogamos pontualmente com os autores que delas trataram (direta ou indiretamente) ao longo da cadeira.

### **3. TRIANGULAÇÃO DE TÉCNICAS QUALITATIVAS PARA A TESE**

A fim de complementar o processo investigativo nas ciências sociais, uma das orientações de FLICK (2004, p. 151) diz respeito à “triangulação de observações com outras fontes de dados e também o emprego de diferentes observações”. Inclusive, a depender do que se pretende responder em cada fase da pesquisa, não seria coerente manter um mesmo tipo de observação menos eficaz à obtenção de respostas, por isso a necessidade de avaliar o andamento da investigação e até compor técnicas diversas.

Assim, ao ver as técnicas como possibilidades de se cercar o objeto e responder com a máxima efetividade as questões de pesquisa, é que se desenha uma proposta de triangulação composta por estas três técnicas: observação participante, entrevista em profundidade e codificação analítica (na perspectiva de uma etnografia virtual).

#### **3.1 Observação participante**

Já adentrando na discussão sobre a observação, ao referenciar Geertz (1983, p. 57), Delgado e Gutiérrez (1995, p. 152) destacam o eco de amplo debate metodológico persistente até a atualidade, pautado numa oposição de pares “de tipo dentro *vs.* fora, descrições em primeira pessoa *vs.* terceira pessoa, fenomenologia *vs.* objetivismo, cognitivo *vs.* comportamental e análise êmica *vs.* ética”. Para Geertz, aqui se trata não de polos opostos, mas sim de gradações entre tais conceitos. Com efeito, ele põe em xeque os clássicos mitos da “comunhão” e da “identificação com o nativo”.

Aqui, portanto, se está diante de uma crítica à observação participante clássica no “alto grau de comunicação empática”. Destacamos, de nosso lado, que a observação pretendida na pesquisa sobre abordagem jornalística de dois fenômenos migratórios recentes tem condição de ocorrer em dois ambientes/momentos: a redação jornalística

(onde serão enfatizados processos internos); e a atividade de campo (acompanhando o jornalista no trabalho de captação). Oportunamente, pode ser viável traçar um plano de observação que contemple ambos os *timings*, guardadas as particularidades.

Segundo Denzin (1989b, p. 157-158 apud FLICK, 2004, p. 152), “a observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas, e a introspecção”. As fases da observação foram organizadas por uma série de autores, dentre os quais Adler e Adler (1998), Denzin (1989b) e Spradley (1980), e estão reproduzidas na obra de Flick (2004) no formato de um passo a passo didático para os pesquisadores, conforme se transcreve abaixo:

a. a seleção de um ambiente, ou seja, onde e quando os processos e as pessoas que forem interessantes para a pesquisa podem ser observados; b. a definição do que deve ser documentado na observação e em cada caso; c. o treinamento dos observadores a fim de padronizar esses focos; d. observações descritivas que oferecem uma apresentação geral inicial do campo; e. observações focais que se concentrem mais em aspectos relevantes à questão de pesquisa; f. observações seletivas cuja finalidade seja a apreensão intencional apenas de aspectos centrais; g. o fim da observação [...] quando outras observações não trouxerem nenhum conhecimento adicional. (FLICK, 2004, p. 149)

Aliás, Angrosino (2009) reforça a discussão já relacionada no tópico anterior, desta vez adstrita à observação participante. Esse autor critica a ideia de um “reflexo metodológico” das ciências exatas na atividade de campo do antropólogo, quando se supõe evidente que o pesquisador deve ser anulado ao longo do processo de pesquisa. Tal ideia é consequência da origem da Antropologia fundada na crença de que a ciência social havia encontrado seu reflexo metodológico nas ciências exatas e, por essa razão, o pesquisador – como indivíduo – deveria ser omitido do produto final para se adequar ao senso comum de cientificidade (Idem, p. 17).

No entanto, a observação participante pressupõe a existência e até um espectro de atuação do pesquisador frente ao “objeto observado”. No caso do processo de feitura da notícia, é plenamente possível que envolva desde a reunião de pauta, passando pela designação da equipe/divisão de tarefas e pelas atividades de captação, até alcançar a preparação do conteúdo, a checagem de informações, a edição e a postagem no portal. Esse caminho estenderia ainda mais quando a pesquisa compreende os processos de

distribuição, circulação e recirculação das notícias na *web*, em *sites* de redes sociais e plataformas de distribuição de conteúdo, entre outros.

### 3.2 Entrevista em profundidade

Ao apresentar a segunda técnica eleita para compor a proposta de triangulação, considera-se a contribuição dos autores Sierra (2019), Cáceres (1997) e Alonso (1995). O primeiro deles sustenta que a entrevista (*lato sensu*) é eficaz por se tratar de técnica fundada na inter-relação humana, cuja heurística pode relacionar os enfoques práticos, analíticos e interpretativos do processo comunicativo. “Segundo Berger e Luckmann, o exame dos diferentes gêneros ilustra a forma como a entrevista – comunicação primária – contribui para a construção da realidade”<sup>3</sup> (SIERRA, 2019, p. 301).

Interessante, também, a referência que esse autor faz à entrevista como técnica de coleta de informações para a composição do trabalho jornalístico. Ele explica que referida técnica, aplicada no intuito de obtenção de informações na imprensa, foi-se desenvolvendo no bojo da cultura de massas, como referenciado por Morin (1995, p. 216). Segundo SIERRA, esse uso centralizado no jornalismo impresso permaneceu até os anos 1930, quando a entrevista passou a ser aplicada como técnica de investigação nas Ciências Sociais e, mais tarde, na Psicologia (2019, p. 302).

Avançando para a ideia do primeiro teórico sobre entrevista em profundidade, Sierra argumenta que ela se trata de “[...] um tipo de entrevista qualitativa holística, em que o objeto de pesquisa é constituído pela vida, experiências, ideias, valores e estrutura simbólica do entrevistado aqui e agora”<sup>4</sup> (SIERRA, 2019, p. 327). O mencionado autor argumenta ainda que a pretensão de tal modalidade seria “fazer um holograma dinâmico da configuração vivencial e cognitiva do sujeito como tal”, sendo mais uma arte do que propriamente uma técnica (Ibid.).

De uma perspectiva mais processual, Cáceres (1997) apresenta um guia geral da entrevista, protocolo elaborado a partir de suas experiências de trabalho investigativo

---

<sup>3</sup> No original: “*En términos de Berger y Luckmann, el examen de los diferentes géneros ilustra el modo en el que la entrevista – comunicación primaria – contribuye a la construcción de la realidad*”.

<sup>4</sup> No original: “[...] un tipo de entrevista cualitativa de carácter holístico, en la que el objeto de investigación esta constituido por la vida, experiencias, ideas, valores y estructura simbólica del entrevistado aquí y ahora”.



e uso da etnografia urbana. Assim, ele expõe o “esquema geral, prático, que mostra as condições em que a entrevista se dá”, fazendo-o norteador pelas etapas do trabalho etnográfico: exploração, descrição e estudo de fundo (CÁCERES, 1997, p. 191).

Segundo esse autor, há seis elementos que compõem o guia geral da entrevista: 1. Objetivo geral (finalidade do trabalho na referida fase do processo etnográfico); 2. Perfil do interlocutor; 3. Informação básica (obtida com a entrevista); 4. Lugar; 5. Duração; e 6. Guia de conversação (pauta para intervenções do entrevistador). (Idem, p. 191-192). Para cada uma das fases do processo etnográfico, é necessário que se tenha uma aplicação do referido guia, sendo respeitados os tipos de informação e os modos de obtê-las em dada etapa da investigação etnográfica.

Ao propor que a entrevista é, de fato, uma situação, esse autor enumera seus componentes: cenário (lugar definido), momento (em geral, no horário comercial), duração (indica que seja de cerca de uma hora), atores (podem ser dois ou mais, papéis, interação (com divisão em turnos), antecedentes e consequentes gerais (experiências anteriores e perspectivas), além de antecedentes e consequentes particulares (quanto àquela situação de entrevista) (CÁCERES, 1997).

Por sua vez, Alonso (1995) defende a tese de que a entrevista não diz respeito a um “eu” atomizado, que esteja definido em termos de individualismo metodológico pela flecha fortuita do behaviorismo ou, na economia, pela posse utilitária. Em vez disso, estamos falando de um “*self*” narrativo, conforme se consolidou referenciar a partir da perspectiva construtivista. Segundo esse autor, como técnica qualitativa que é, na verdade, a entrevista colide frontalmente com o fundamento positivista de uma abordagem científica, haja vista que jamais se reduz em seus objetivos.

Quanto à tese, se pretende aplicá-la com mais especificidade ao longo do trajeto metodológico na coleta de informações que não estariam disponíveis de outra forma. Ao considerar o repórter um sujeito construtor da narrativa noticiosa, entendemos que, aplicando a técnica da entrevista em profundidade para um grupo desses sujeitos previamente selecionados, é possível complementar o conjunto de dados obtidos por outros meios e esclarecer questões de centralidade levantadas durante a pesquisa.

### 3.3 Codificação analítica

Em artigo sobre etnografia virtual, netnografia e etnografia, Polivanov (2013, p. 61) vai além de expor diferenças de nomenclatura e problematiza esses conceitos que “têm sido empregados para diferenciar métodos de pesquisa *off* e *online*”, enfatizando, entre outros aspectos, que os ambientes onde ocorre a comunicação mediada por computador “não devem mais ser tratados como não-lugares ou em termos de real *versus* virtual”, a despeito do que sugere uma das nomenclaturas supramencionadas.

Entendemos a necessidade de lançar um olhar crítico sobre os termos, inclusive porque, na maioria das vezes, os comunicólogos, mais preocupados em apreender os objetos, aplicam um conjunto de técnicas inquestionavelmente. Além da Antropologia, berço da etnografia como método, ela também tem sido aplicada em outras áreas: Comunicação, Educação, História, Geografia e Linguística (POLIVANOV, 2013, p. 62).

Ao entrevistar Christine Hine, autora das obras *Virtual Ethnography* (Sage, 2000) e *Virtual Methods* (Berg, 2005), a professora Adriana Braga (PUC-Rio) destaca, sobretudo, a ideia central defendida pela estudiosa, isto é, a ocorrência de distinções claras e definidoras de uma necessária adaptação do método etnográfico, tal como fora concebido na Antropologia, para as análises em ambientes virtuais (BRAGA, 2012, p. 2). Ao ser questionada sobre o desafio de “preservar os avanços da teoria metodológica proveniente da tradição antropológica quando esta é aplicada a contextos digitais”, Hine alertou que “muitas versões da etnografia adaptadas a ambientes digitais de fato se afastam muitíssimo dos ideais originais dessa abordagem” (BRAGA, 2012, p. 4).

Nesse aspecto, é interessante pensar no viés defendido por Polivanov (2013), quando ela argumenta pela desnecessidade de haver a demarcação cerrada acerca da etnografia praticada no ciberespaço. Segundo Hine (2000, p. 8 apud Polivanov, 2013, p. 66), a etnografia pode “ser usada para desenvolver um sentido rico dos significados da tecnologia e das culturas que possibilitam e são possibilitadas por ela”. Tendo isso em conta, Polivanov (2013) aponta distinções da etnografia focada nas pesquisas em meios digitais: “[...] as terminologias propostas para dar conta dessa ‘adaptação’ do método etnográfico para o mundo virtual e suas implicações” (Ibid.). O cuidado, aqui, é justamente compreender as particularidades da ambiência digital, ou seja, ultrapassa

a proposta de um simples e irrefletido movimento de apropriar o método a diferentes objetos/temas/questões/sujeitos de pesquisa sem promover adaptações.

Não seria prudente, no espaço limitado deste texto, adentrar muito no debate da apropriação da etnografia no ambiente da *web*, especialmente redes sociais digitais, dada a complexidade dos argumentos levantados desde cada ponto de vista. Todavia, para compreender a técnica da codificação analítica no contexto de nossa proposta de tese – em que serão estudadas publicações noticiosas em portais locais e regionais, foi indispensável estabelecer uma compreensão basilar da etnografia virtual.

A codificação analítica é uma técnica geralmente empregada para a análise de dados netnográficos. Em relação à proposta de tese, embora os dados coletados não sejam aqueles geralmente classificados como etnográficos, o objetivo, com o auxílio da análise qualitativa, é interpretar a construção das narrativas jornalísticas em torno de determinada temática. Nesse sentido, jornalistas são responsáveis pela elaboração de reiterados sentidos culturais – reforçando ou atenuando determinados pontos de vista, a depender tanto dos fatores objetivos quanto dos subjetivos conformadores do fazer profissional. A codificação analítica, em última análise, poderia nos ajudar a organizar, visualizar e interpretar um *corpus* de dados qualitativos extraídos tanto dos textos de notícias quanto das transcrições de entrevistas em profundidade (ver item 3.2).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal objetivo deste trabalho foi traçar um planejamento inicial sobre como aplicar os aprendizados da disciplina Pesquisa Qualitativa em Comunicação com criatividade e equilíbrio para obter – pela complementação de abordagens, métodos, técnicas e instrumentos de coleta – um conjunto coerente de análises e interpretações que efetivamente auxiliem na compreensão do objeto de pesquisa e na feitura da tese.

O primeiro passo foi ver as abordagens quantitativa e qualitativa como possíveis de serem compatibilizadas na pesquisa; o segundo consistiu em extrair do corpo de textos e autores lidos as lições mais condizentes com o propósito de nossa pesquisa; e, por fim, foi proposta a aplicação de três técnicas de pesquisa qualitativa para apreensão de dados que nos auxiliem a ver o tema e o objeto de forma a cercá-los. A triangulação de técnicas incluiu observação participante, entrevista em profundidade e codificação

analítica, cujos conceitos gerais e intuitos de aplicação específica no bojo da proposta para a tese foram expostos no desdobramento do item 3.

Em última análise, cremos que a aposta metodológica desenhada para a fase de coleta, sistematização e interpretação de dados qualitativos seria profícua, inclusive porque procura agregar técnicas aptas a extrair o máximo de conhecimento dos dados da realidade. E o percurso metodológico, como o nome indica, é o caminho que leva ao conhecimento das coisas do mundo – em nosso caso específico, do jornalismo.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Luis Enrique. Sujeto y discurso. El lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. DELGADO, J, Manuel e GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid. Editorial Síntesis, 1995.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre. Artmed, 2009.
- BRAGA, Adriana. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. E-Compós, Brasília, v.15, n.3, set. /dez. 2012.
- CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Sabor a ti**. Metodología cualitativa en investigación social. Xalapa. Universidad de Veracruz, 1997. (191-216)
- DELGADO, Juan Manuel e GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid. Editorial Síntesis, 1995. (141-173).
- FLICK, Uwe. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Bookman, 2004.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, 2007. (16-35).
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis. Vozes, 1992.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas /orgs.: Cláudia Peixoto de Moura, Maria I. Vassalo de Lopes. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Esferas Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo. Hacker Editores, 2001.
- SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social: GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Arte y oficio de la investigación científica**: cuestiones epistemológicas y metodológicas. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.
- SILVA, G.; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **RuMoRes**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011.